**O IDEAL DE MULHER SOB A PERSPECTIVA DA OBRA *TESOURO DE MENINAS***

**Mayra Silva dos Santos**

**Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-UEMASUL**

**Mayraservafiel@gmail.com[[1]](#footnote-1)**

**RESUMO**

O presente artigo tem como finalidade apresentar a Educação Feminina segundo a obra *Tesouro de Meninas* ou diálogos entre uma sábia aia e suas discípulas, lançado pela primeira vez em 1758, na França. Traduzido para o português por Joaquim Ignácio de Frias e publicado em Lisboa em 1774, obteve grande sucesso desde o início de seu lançamento. Este *best-seller* do século XVIII; ajudou a difundir modelos de comportamentos e conhecimentos considerados úteis para as meninas das camadas médias e altas da sociedade. Nesta obra de caráter pedagógico, os conteúdos eram compostos de lições de história, geografia, ciências naturais, ordem moral, disseminando a dupla concepção de educação: *ensino dos saberes e o ensino do saber ser*. Considerado como livro de civilidade, essa obra introduziu às pessoas letradas a representação dos papéis sociais almejados, contribuindo para o desenvolvimento do discurso normativo ditado pela sociedade da época sobre a representação feminina no meio social. Composto por uma série de diálogos, onde a autora desenvolve um jogo de conversação entre a aia Bonna e suas discípulas- Sensata, Mary, Carlota, Babiolla, Molly, Espirituosa e Altiva, que possuem idade entre cinco e treze anos. O estudo de tal obra, foi realizado sob a análise dos textos que a compõem, especialmente os diálogos I, II, III, IV e V. Foram consideradas as discussões sobre Educação Feminina e civilidade, especialmente as análises de Gonçalves Filho (2010), Sena (2014), Algranti (2014) e Ribeiro (2002).

**Palavras-chave:** educação feminina- civilidade- obras educativas.

**1. INTRODUÇÃO**

A Educação Feminina em meados do séc. XVIII e XIX, proposto para as filhas de classe social mais favorecida era baseada na propagação de conteúdos instrutivos, regras e modelos de comportamento baseados principalmente na doutrina cristã. Esse projeto educativo sobre a representação feminina era ditado pelo discurso normativo da época que tinha como proposta preparar a mulher para as atividades do lar, e por fim cumprir o papel de primeira educadora das novas gerações.

De acordo com Ribeiro (2002), foi nesse contexto que a educação feminina passou ser percebida a partir de dois aspectos. O primeiro deles seria entender a educação como ato de escolarização, ou seja, como ensino dos saberes. Já o segundo aspecto procurou compreender a educação como meio de socialização, visando o desenvolvimento da capacidade física, moral e intelectual da mulher, que a ajudaria a ser mais “virtuosa”. Tomando como exemplo o que era definido para Portugal, na América Portuguesa a educação feminina envolveria esses aspectos e, para isso, seriam tomados por base os documentos de caráter normativo, tais como: a legislação, os tratados e livros de civilidade, planos de estudo e manuais de boas maneiras. Esses documentos buscavam introduzir nas pessoas letradas as regras de comportamento social. E, para isso, serviam como instrumentos nas mãos dos leitores, servindo como referência para a construção de ações distintas a serem reproduzidas nos novos espaços criados em virtude da presença da Corte Portuguesa na América.

Este é o caso, por exemplo, da obra *Tesouro de Meninas* publicado originalmente na França em 1758. Alcançando grande êxito em todo território brasileiro, conforme Machado (2008), no prefácio da mesma obra, o livro marcou presença significativa entre os leitores do Rio de Janeiro nos primeiros anos do século XIX. Originalmente tal livro era constituído de uma coletânea de dois volumes que reunia vários escritos de uma revista criada pela própria Beaumont.

Nesta comunicação será utilizada a versão portuguesa do original que foi traduzida e adaptada pelo padre português Joaquim Ignácio de Frias em 1774. Para isso partiu-se de uma análise dos diálogos I, II, III, IV e V da obra. A análise foi feita considerando as discussões sobre educação feminina, especialmente os estudos de Algranti (2014) e Ribeiro (2002); e obras educativas, sobretudo os estudos de Sena (2014) e Gonçalves Filho (2010).

Segundo Ribeiro (2002), no final do séc. XVIII e início do séc. XIX, o papel da mulher, em termos educacionais, ficou restringido ao aperfeiçoamento de conhecimentos específicos para serem mães, esposas e filhas. Já Algranti (2014) discute que a educação feminina implicava aspectos mais amplos que aprender as primeiras letras. Segundo a autora, deveriam ser considerados também os espaços onde se desenvolveria esse processo, o programa pedagógico destinado às meninas e as justificativas para educá-las.

Sena (2014) e Gonçalves Filho (2010), destacam os manuais de leitura de civilidade como importantes para refletirmos sobre as representações da sociedade em relação as mulheres e o que se esperavam delas para atuarem em suas funções. Sendo, por isso, considerados relevantes no processo de disseminação das regras de comportamento social para aquelas mulheres que pertenciam aos grupos mais abastados da sociedade.

**2. LEITURA DE CIVILIDADE PARA MENINAS**

Com a chegada da Corte Portuguesa a América, os livros se tornaram instrumentos preciosos para disseminação da civilidade[[2]](#footnote-2). Assim chamados, os livros de civilidade tinham o objetivo de introduzir regras de comportamentos nas pessoas, possibilitando a distinção da nobreza e das classes em ascensão do restante da população, servindo como referência para os leitores da época. “A educação, nesta perspectiva, era concebida como *ensino dos saberes* e o *ensino do saber ser”.* (GONÇALVES FILHO, 2010)

Nas escolas de primeiras Letras, o *ensino dos saberes* correspondia as lições de leitura, escrita e cálculo, incluindo as operações de aritmética. Esse currículo era destinado preferencialmente aos meninos. Para as meninas, excluíam-se as noções de geometria e limitava-se a instrução de aritmética, sendo que, por outro lado, era incluso as prendas que serviam a economia doméstica.

As características de ensino comuns para ambos os sexos eram restringidas pelas normas de caráter moral e religioso, no que se relacionava ao *ensino do* *saber ser.*  Através da leitura de textos, as regras comportamentais disseminadas pelos agentes sociais responsáveis pelo ensino eram veiculadas cotidianamente como mostra Gonçalves Filho (2010, p.203);

“Em comum, para ambos os sexos, estariam o estudo da gramática, os princípios da moral cristã e doutrinação Católica, além do texto constitucional e da História do Brasil. No que tange ao ensino do saber ser, este poderia ser haurido tanto pela observância das regras impostas pelos membros da família e outros agentes formadores, tais como padres e professores, quanto através da leitura de textos voltados aos aspectos comportamentais. Não era muito difícil encontrar livros que trabalhassem as “virtudes” nas crianças”.

Entre os chamados livros de civilidade, destaca-se a obra *Tesouro de Meninas* de Jeanne Marie Leprince Beaumont[[3]](#footnote-3). Esse *best-seller* do século XVIII tratava-se de uma obra de caráter pedagógico formado por uma “coletânea de dois volumes reunindo vários números de uma revista que a própria escritora escrevera antes” (MACHADO, *In*: Leprince de Beaumont, 2008, p.7).

Ao alcançar um grandioso sucesso na França, onde foi primeiramente editado em 1758, a obra se tornou um marco histórico internacional em Literatura Infantil. O conhecer da obra se deveu em parte, ao fato de se tratar de um texto direcionado para leitoras iniciantes, “ainda que sua linguagem esteja muito distante da que hoje em dia se vê nos livros voltados para o público infantil” (GONÇALVES FILHO, 2010).

Em 1774, a obra foi lançada no território brasileiro, traduzida e adaptada pelo padre português Joaquim Ignácio de Frias onde obteve marcante visibilidade entre os leitores do Rio de Janeiro no final do século XVIII, que segundo Sena (2014, p.313) “chegou às mãos dos cariocas por meio de solicitações de livros, dirigidas a real mesa censória[[4]](#footnote-4) em Portugal”. Em relação à solicitação do livro *Tesouro de Meninas* dirigidas a Real Mesa Censória e sua empregabilidade na instrução de meninas, Sena (2014, p. 313) destacou o seguinte:

Na relação da lista de pedidos de livros pela Real Mesa Censória, apresentada por Abreu em Caminhos do romance (2003), Tesouro de meninas e Tesouro de meninos ocuparam o quarto e o oitavo lugar, respectivamente, em 1808, entre os leitores cariocas. Esses livros sobre conduta social adquiriram tanta importância no período joanino que, durante o Império, estiveram presentes em diversas escolas de Primeiras Letras: nas províncias da Paraíba, do Rio Grande do Sul, do Amazonas e da Bahia, conforme os relatórios dos presidentes dessas províncias. A circulação desses dois livros de leitura demonstra que a temática da civilidade permaneceu no horizonte da formação do Estado brasileiro durante o Império.

É neste sentido que a obra de Jeanne Marie Leprince de Beaumont se mostrou tão importante, pois representou didaticamente para a época, os exemplos de conduta propostos para uma boa educação feminina, como idealmente imaginada pelas autoridades brasileiras no período.

A autora buscava utilizar uma metodologia própria para ensinar as meninas a partir do cotidiano, mas, ao mesmo tempo, baseava-se nas recomendações dadas por Fénelon. Em relação a Fénelon,

A educação das mulheres devia ser exclusivamente moral e particular, não coletiva, mas com finalidade pública, social. A mulher deve ser educada para educar os filhos e governar o lar. Nessa premissa, denuncia a má influência de mães ignorantes e fúteis, da má companhia dos serviçais, que não seriam bons modelos, pois tornavam a criança indolente, fútil, cheia de medos, mentirosas. Sugere uma educação atraente, virtuosa e equilibrada, a partir de bons modelos, os da religião de preferência. Condena o castigo e recomenda penas leves aplicadas em circunstâncias que provoquem na criança a vergonha ou remorso. A educação também devia proporcionar distrações e alguns divertimentos, mas não recomenda rapazes e moças juntos, saídas freqüentes, muitas conversas e especialmente com pessoas de má índole. (Bastos,2012, p.150).

É nessa perspectiva, que a educação feminina envolvia aspectos mais amplos que aprender as primeiras letras. A difusão dos livros de civilidade e de boas maneiras, é de fato, um bom exemplo do interesse em educar visando a formação de meninas, para se tornarem no futuro, boas senhoras e mães. A obra *Tesouro de Meninas* além de representar essas regras de comportamento e doutrinação cristã, traz em sua composição contos, histórias, narração de episódios bíblicos, aulas de conhecimentos gerais, tais como: ciências naturais e físicas, história e geografia. São esses conhecimentos que a autora utiliza em seus escritos, a partir de diálogos entre uma mestra instruída e suas discípulas de idades entre cinco e treze anos, no qual estas meninas “são levadas a “pensar, falar e agir” da forma que as pessoas distintas consideravam aconselhável e correta.” (MACHADO In Leprince de Beaumont, 2008, p.10). É neste sentido, que se percebe a prática do *ensino dos saberes* e o *ensino do saber ser* na obra, pois a autora se utilizou tanto dos conhecimentos gerais para instruir, quanto dos saberes práticos para vida, a fim de trabalhar as “virtudes” das leitoras do século XVIII e que posteriormente foram utilizados também para instruir as ledoras dos oitocentos no Brasil.

Dessa forma, os conteúdos apresentados se tornaram, para as diversas meninas, um manual de regras necessárias e preparatórias para a formação de boas esposas, senhoras distintas e futuras mães. À primeira vista, o título já nos remete a atenção por delimitar para quem se destinava. Em verdade, a obra escrita para o público em geral – pais, mestres e alunos – remetia a ideia de que foi destinada para a educação da mocidade como mostra o tradutor Joaquim Ignácio de Frias (1846):

O conhecimento que têm todas as pessoas que cuidam da educação da mocidade, de que uma obra que se encaminhasse a inspirar a virtude, e a esclarecer o espírito da gente moça, seria a mais útil que se pudesse fazer para o bem do estado, e para dar-lhe, em uma tenra idade, cidadãos ilustres, é o que me obrigou a fazer a tradução deste pequeno livro. (MACHADO In Leprince de Beaumont, 2008, .24).

No que se refere aos diálogos, forma como se estrutura a determinada obra, Bonna, a aia de uma das meninas, estimula a aprendizagem da civilidade por meio de conversas, contos e fábulas, associadas as ações do cotidiano, inculcando-lhes o modelo de conduta feminino da época: ser virtuosa, obediente e dócil. As falas das meninas, bem como os seus nomes carregados de sentidos, representam suas funções nos diálogos: Sensata era representada como um exemplo para as demais. Babiolla, altiva e espirituosa eram evidenciadas pelos seus pensamentos contrários. Mary e Molly que eram comportadas, mas, que em alguns casos apresentavam atitudes más, expressavam as estratégias para civilizar as meninas. É neste sentido, que Gonçalves Filho (2010, p.208) ressalta que os

Comportamentos, valores e princípios são arrolados no texto de maneira a caracterizar um modo de vida próprio para o sexo feminino. Também é apontado o que deveria ser evitado, o que era considerado um vício, um mau hábito. Nas histórias, todos os atos geram uma consequência para si e para os outros, seja esta boa ou má.

Nos diálogos I e II, a conversa entre Sensata e Espirituosa, ambas de idade de 12 anos, e Babiolla de 10 anos expressa os métodos de repetição e confissão que Bonna utiliza para modificar os costumes das meninas. Na fala de Sensata, observa-se esses procedimentos quando a menina diz:

“Confesso-vos, amiga que não sei o que vos diga; eu só creio que, se sou comedida, o que devo à minha aia. Ela me diz todos os dias que há duas sortes de esperteza: uma, que só serve para nos fazer aborrecer, e desprezar de todos; outra, que nos faz amáveis, dóceis, virtuosas, e que obriga as pessoas que nos conhecem a falar bem de nós; todas as vezes que ela pressente em mim alguma leviandade, logo a repreende-me.” (LEPRINCE DE BEAUMONT, 1758, p. 43, grifo nosso)

O método de comparação entre as personagens é apresentado simultaneamente no diálogo que transmite para as leitoras os comportamentos úteis para uma boa educação moral, visando a formação de boas senhoras para o futuro:

Espirituosa

Eu não posso deixar ainda de chorar, quando considero o que dizia de mim. Dizia que eu tenho mau gênio, que sou fraca figura, e que serei a peste da sociedade! Chamar-me de peste, minha amiga, é o mais injurioso nome que podia dar. Dizia também que eu tenho soberba como Lúcifer; que sou chocarreira, e zombadora; que seria melhor que eu fosse bem ignorante, do querer instruir-me, porque isto me arruinará ainda mais, aumentando minha vaidade. Depois disso ainda falou também de vós, e disse: Ela é bem estimável; fala pouco, mas tudo o que diz é a tempo: eu daria tudo o que possuo, se tivesse uma filha do seu gênio. (LEPRINCE DE BEAUMONT, 1758, p. 42)

É dessa forma, que o jogo de conversação entre as personagens é representado como fator considerável para instruir a o grupo feminino em relação à conduta apropriada para o seu processo de preparação. Como mostra Sena (2014, p. 315),

Ao passo que o diálogo contribui para tornar o processo de civilização mais próximo dos leitores, ele possibilita aplicar a estratégia para instruir para a civilidade. Dito de outro modo, a conversação revela os artifícios dos “tutores” para modelar e polir o comportamento dos outros personagens. Nesse sentido, a conversação entre os personagens se configura como um jogo exemplar.

É neste sentido, que disseminando as normas de condutas, os diálogos serviam tanto para estabelecer as regras, quanto para reavivar a atenção da criança, possibilitando uma instrução mais sólida.

**2.1 Contos para civilizar**

A título de exemplo, destaca-se a conformação do diálogo III. Nele Bonna conta a primeira história do livro, intitulada “Conto do Príncipe Amado”, no qual um rei muito bom acolheu um coelho que estava sendo perseguido por cães ferozes. O animal que logo após ser levado para o palácio transformou-se em uma fada, concedeu ao rei a ventura de pedir o que quer que fosse. “O rei desejou apenas que seu filho, o príncipe amado, fosse o melhor entre todos os príncipes, o mais virtuoso e bondoso.” (Gonçalves Filho, 2010, p.205). Com o passar do tempo, a fada, concedendo o desejo do rei, entregou um anel mágico ao príncipe. Porém este anel, tinha a função de picar o dedo de Amado todas as vezes que cometia alguma má ação. Assim, com suas más atitudes e desobediência, o anel foi o incomodando até o ponto de tira-lo e jogá-lo fora. O príncipe Amado, no ápice de suas atitudes más, foi castigado pela fada, que o transformou em um horrível monstro. Com aparência de uma fera, Amado sofreu os mais horríveis castigos. Arrependido de seus erros, sua aparência melhorava quando praticava uma boa ação para com as pessoas. No final da história, o príncipe se tornou um homem de tão boa índole que nunca mais o anel que ele havia recolocado em seu dedo o picou. (LEPRINCE DE BEAUMONT, 2008)

No término do conto, Bonna utiliza no diálogo com as meninas, a estratégia de confissão de seus erros, relacionados a falta de respeito com as pessoas que as cercam. Para isso, parte da comparação tanto dos personagens quanto entre as próprias meninas, a fim de modelar seus comportamentos.

Bonna

Pois não, menina! Mas primeiro que me deveis dizer que coisa vos agrada nesse conto?

Mary

Tudo, senhora Bonna; mas principalmente acho graça do anel, que impedia que Amado obrasse loucuras.

Espirituosa

Se eu tivesse semelhante anel, traria muitas vezes o dedo picado.

Bonna

Estimo a vossa ingenuidade, menina; mas sabeis que todos temos um anel como aquele.

..........................................

Bonna

Não, menina, não sois más contra a vossa vontade, pois que podemos sempre ser boas, se procurarmos os meios, os quais eu vos mostrarei agora. Primeiramente deves pedir perdão a Deus, todas as manhãs e noites, nas vossas orações, graça para vos emendardes, porque nós não podemos nada sem o seu socorro; mas é preciso pedir-lhe esta graça com eficácia, e como vós pedis a vossa mãe o que mias desejais. Em segundo lugar, deveis reparar vossos erros, pedindo perdão à vossa criada, rogando a vossas irmãs que vos advirtam e vos relevem, quando as ofenderdes; e se quereis emendar-vos seriamente, escrevei todas as noites as más palavras, que tiverdes dito naquele dia; [...] (LEPRINCE DE BEAUMONT, 2008, p. 61)

Tais considerações vão de encontro ao que destacou Sena (2014, p.317). Conforme o autor, o diálogo se mostra importante, pois “ele permite as crianças a falar sobre as suas condutas errôneas, refletir sobre suas práticas e agir de acordo com a honestidade e integridade, como ditam os bons costumes”.

Por meio de perguntas que são respondidas e comentadas simultaneamente, Leprince de Beaumont ensina as pequenas leitoras que devem sempre discernir entre o certo e errado, sabendo escolher o caminho de obediência a Deus.

Já no diálogo IV, a conversação entre a sábia aia e suas discípulas evoca tanto o método maiêutico[[5]](#footnote-5) quanto a comparação e a repetição para instruir, como destacou Machado (2008) na apresentação da mesma obra. Os diálogos a seguir são exemplos dessas propostas:

Bonna

Aí podeis ver o que faz o mau hábito. Babiolla está acostumada a brincar todo dia, e por isso lhe desagrada tudo o que não é brinco: há de ser uma ignorante e néscia toda a sua vida; e ainda que tenha boas disposições, parecerá nos ajuntamentos uma tonta. Não tomeis mau exemplo; parece-me que Mary é mais prudente, e estudou a sua lição.

Mary

Li-a quatro vezes, senhora Bonna, e a repeti a meu pai e a minha mãe, e estou para a dizer, se quiserdes.

............................

Sensata

Vós me tende dito que se devem examinar os vícios e as virtudes daqueles que lêem as histórias, para evitarmos os mesmos erros, e praticar as suas virtudes.

Bonna

Respondestes muito bem; mas dizei-me, Molly, que utilidade quereis tirar desta história?

Molly

Quando cair em alguma culpa, não me desculparei, antes pedirei perdão a Deus.

Finalmente, o diálogo V apresenta o conto da *Bela e da Fera.* Nele há a apresentação de uma história de um comerciante que tinha seis filhos. Suas filhas eram muito formosas, porém, a mais admirada era a mais nova, chamada Bela. Além disso, das três filhas, ela era a que possuía melhor gênio, sendo invejada pelas demais. “As duas mais velhas tinham muita presunção por serem ricas; pelo que se tratavam sempre como senhoras: não queriam receber visitas das filhas dos outros mercadores, e só buscavam companhia das pessoas de qualidade.” (LEPRINCE DE BEAUMONT, 2008, p. 72).

Depois de um episódio ocorrido com seu pai, a pobre menina foi obrigada a viver com uma fera medonha. Ao longo tempo, Bela conseguiu, através de suas qualidades, conquistar o coração da fera, que também tinha um bom coração. A fera acabou se revelando como um lindo príncipe que a desposou, vivendo felizes para sempre.

Como se percebe, Bela era diferente das irmãs. Mostrando-se cheia de virtudes, sua personalidade era marcada pelas suas qualidades como o desapego de si e a dedicação com os demais.

Segundo Gonçalves Filho (2010, p.207)“nessas histórias é comum figuras monstruosas se transformarem em príncipes quando o ‘encanto’ ou ‘feitiço’, geralmente **é** quebradopor um gesto ou uma atitude benigna carregada de virtuosidade que redime o enfeitiçado”. Em geral, o que se percebe ao longo das narrativas de *Tesouro de Meninas* é a busca pelo ideal de ser-Mulher, onde comportamentos, valores e atitudes são idealizados afim de caracterizar um modo de vida próprio para o sexo feminino.

**3. CONCLUSÃO**

É imprescindível reconhecer a importância do projeto proposto para a educação feminina nos séculos XVIII e XIX para as filhas de grupos sociais mais favorecidos. Com a instrução exclusivamente baseada em valores cristãos, a educação visava a formação de meninas para se tornarem boas mães e senhoras distintas. Para tal, os livros se tornaram instrumentos pedagógicos preciosos para a disseminação das regras de comportamento social para as pessoas letradas, principalmente para as meninas.

*Tesouro de Meninas* demonstrou que a temática de manter a “civilidade” nos novos espaços da sociedade brasileira que estava se constituindo, permaneceu visível na educação de meninas. Com o objetivo de formar mulheres virtuosas do ponto de vista moral e religioso, a obra trouxe consigo narrativas que tratavam sobre tais aspectos e, ao mesmo tempo, buscou ensinar a história, a geografia e a ciências naturais para as meninas de grupos privilegiados. Dessa forma, ela se mostrou um bom exemplo dessa dupla concepção de educação: *ensino dos saberes* e o *ensino do saber ser*.

É certo afirmar, por isso, que a obra *Tesouro de Meninas* contribuiu para o processo de modificação do cenário cultural e educativo brasileiro, criando outras posturas e formas de agir nas relações entre as pessoas na tentativa de torná-las mais “civilizadas”, nos moldes europeus.

**REFERÊNCIAS**

ALGRANTI, L. M. **Educação de Meninas na América Portuguesa: das instituições de reclusão à vida em sociedade (séculos XVIII e do XIX).** Revista de História Regional. P.282-297,2014. Disponível em: [www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/7190/433.acessoem:01defevereirode2018](http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/7190/433.acessoem:01defevereirode2018).

GONÇALVES FILHO, C. A. P. **Livrinhos que eram Verdadeiros Tesouros: Leituras para crianças no Brasil Imperial.** Revista HISTEDBR On-line. Campinas, n.42, p.200-216, jun., 2011.Disponívelem:https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639875. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

Leprince de Beaumont, Jeanne Marie (madame). **Tesouro de Meninas ou Diálogos entre uma sábia aia e suas discípulas.** Tradução de Joaquim Ignácio de Frias e refundido, corrigido e aumentado na segunda edição de 1861 por J. F dos Santos. Seleção e prefácio de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

RIBEIRO, A.I.M. **Vestígios da Educação Feminina no Século XVIII em Portugal.** São Paulo: Arte e Ciência, 2002.

SENA, Fabiana. **Tesouro de Meninas e Tesouro de Meninos: leitura de civilidade na América Portuguesa.** Educação Unisinos, v.18, n.3, p.312-319, set/dez,2014. Disponível em: revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2014.183.10/44. Acesso em: 15 de janeiro de 2018.

1. O presente trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Diferentes estratégias femininas para participar e educar crianças e jovens: Vila Rica – MG e São Luís – MA (1770 e 1830)” que conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão – FAPEMA. O projeto é coordenado pela professora Dra. Kelly Lislie Julio (UFMA – CCSST) e ligado ao Grupo de Pesquisa “Práticas educativas na América Portuguesa” que tem a participação da aluna Mayra Silva dos Santos (UEMASUL). [↑](#footnote-ref-1)
2. A civilidade segundo Sena (2014, pág.314) “está relacionada diretamente as regras de comportamento social, mas também se refere as noções éticas, morais, designações sociais e esferas do público e do privado”. [↑](#footnote-ref-2)
3. Paul Montmorim conhecida como Jeanne Marie Leprince de Beaumont, era uma mulher letrada nascida em Rouen, França, em 1711. Filha de um escultor de imagens e altares, conseguira estudar com freiras em um convento. Ao atingir a idade adulta, passou a andar a ambientes aristocráticos, onde começou a ganhar a vida dando aulas, após a morte de seu marido, o marquês Grimard de Beaumont, em um duelo. Em 1750, acabou emigrando para Londres, já tendo publicado um romance para adultos, ocupando-se sempre da Educação de nobres jovens, principalmente da instrução de meninas nobrezas. Na Inglaterra, Mandame Leprince de Beaumont inspirada para trabalhar nos periódicos, colocou-se a escrever tratados de educação para se utilizar com as crianças, os adolescentes e as damas. Entre os anos de 1750 e 1980 foram aproximadamente 40 volumes produzidos por ela, onde um deles originou o TESOURO DE MENINAS (1758), o êxito foi tão significativo que em seguida a autora desenvolveu um outro volume, destinado porém, para o público masculino, chamado *Tesouro de Meninos: resumo de história natural, para o uso da mocidade de ambos os sexos e instrução de pessoas que desejam ter noções da história dos três reinos da natureza*, editado em Lisboa pela Imprensa Régia no século XIX ,em 1813. Antes de morrer, 1780, deixou vários escritos tratados de moral e história, gramática e teologia. [↑](#footnote-ref-3)
4. A Mesa Censória seria um Conselho Real criado durante as reformas pombalinas em 1768, objetivado para fiscalizar, analisar, censurar e penalizar em Portugal e suas colônias, o comércio e vendas de livros e papéis que fossem contrários a ordem moral e religiosa que ali era estabelecida. O regime estabelecido pela Real Mesa Censória era composto por 17 condições que proibiam os escritos que afligiam a ordem moral, política e religiosa, onde seis condições eram dispostas a religião, duas contra a moral e uma contra a dissociação entre governo e religião. A censura Portuguesa, em relação a publicação de impressos teve início em meados do século XVI, a atividade era repartida entre uma tríplice formada por juízes eclesiásticos denominado Ordinário, pelo desembargo do Paço (órgão ligado ao poder régio) e ao Tribunal do Santo Ofício (diretamente ligado à Igreja), este sistema esteve atuando desde a Criação da Real Mesa Censória em 1768, quando D. José julgou necessário a atuação de um determinado órgão para este fim, onde a partir deste período a censura dos impressos foi centralizada em um só organismo.

   [↑](#footnote-ref-4)
5. A maiêutica baseia-se na ideia de que o conhecimento é latente na mente de todo ser humano, podendo ser encontrado pelas respostas a perguntas propostas de forma perspicaz.  [↑](#footnote-ref-5)